



## **A EDUCAÇÃO COMO REFÉM DA LÓGICA PRODUTIVA CAPITALISTA<sup>1</sup>**

**Luana Rodrigues dos Santos<sup>2</sup>, Paulo Evaldo Fensterseifer<sup>3</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

Estamos, há algum tempo, irremediavelmente, movidos por uma lógica de vida que coloca todas as finalidades na recompensa, seja ela material ou simbólica. Nesse prisma, já não nos interessa qualquer movimento sem tal pretensão, e, conseqüentemente, mergulhamos numa dinâmica instrumental, a qual negligencia, despreza e refuta valores humanos, ameaçando o modo organizacional que nos permitiu vivermos juntos até aqui, bem como a continuação do mundo comum. Assim, cabe a reflexão, com vistas à tomada de consciência, a respeito desse fenômeno contemporâneo que nos coisifica e nos subjugua à condição de meras peças produtivas num jogo perverso de acúmulo de capital.

O contexto, acima descrito, alastra-se, lamentavelmente, por todas as esferas da vida humana. Contudo, dada a amplitude do tema, daremos atenção ao âmbito educacional, o qual tem sofrido frequentes intervenções do setor privado, essas incutem nos estudantes e nos profissionais da educação o pensamento produtivo mercantil. Em outras palavras, os sujeitos envolvidos no ensino escolar são convencidos de que todo conhecimento abordado nesse espaço precisa ter uma finalidade quase imediata e/ou justificativa que convença todos os agentes desse processo de que não estão “perdendo tempo”.

A educação, entendida nessa perspectiva, torna-se terreno fértil para os objetivos e a conseqüente abertura para agentes privados atuarem nos processos educativos, ditando caminhos e definindo os interesses que o ensino deve priorizar. Com isso, perdem-se os sentidos instituintes da educação, a saber, a democratização do conhecimento, a continuação do mundo coletivo, a construção da cidadania, os valores democráticos e a formação humana do sujeito com vistas ao bem comum.

A partir desses pressupostos, a presente escrita ocupar-se-á em evidenciar e exemplificar, brevemente, algumas formas que o processo de apropriação do ensino por

---

<sup>1</sup> Recorte da discussão em desenvolvimento na tese da presente autora.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação nas Ciências – Unijuí, Bolsista (taxa) CAPES, professora da rede pública de ensino de Ijuí e Coronel Barros.

<sup>3</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências.

instituições privadas vem ocorrendo, bem como apresentar e retomar conceitos/discussões a esse respeito. Cabe mencionar, ainda, o afinamento do texto com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, em específico o de número 4, que prevê uma educação de qualidade para todos, embora haja aproximação importante com os objetivos 10 e 16, os quais, respectivamente, buscam assegurar a redução das desigualdades e o fortalecimento das instituições, metas essas que entendemos serem possíveis também pela via do ensino escolar.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa tem caráter qualitativo, já que prioriza a revisão bibliográfica e posterior discussão. Esse modelo de pesquisa, segundo Minayo (2014) não se ocupa com a quantificação da realidade, mas com a significação dessa mesma realidade, levando em consideração motivações, crenças, valores e atitudes envolvidos no contexto. Cabe mencionar que a discussão está vinculada à experiência docente da autora, assim, os exemplos são descrições a partir de vivências no âmbito escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Observa-se, há algum tempo, a execução de projetos na escola advindos de instituições externas, os quais não têm como atividade fim a educação. Nessa perspectiva, os gestores acolhem diversos projetos alheios aos interesses educacionais restritos, cabendo aos professores e equipe escolar cuidar do desenvolvimento desses assuntos que, em sua maioria, ocupam-se com pautas voltadas à construção de habilidades e competências úteis ao sistema produtivo vigente. Desse modo, entendemos necessária a compreensão dessa realidade, do mesmo modo que suas intencionalidades, sejam elas veladas ou explícitas.

Segundo Goergen (2020), a partir da Revolução Industrial os valores humanos passaram a se associar, de forma mais efetiva, aos valores econômicos. Sob esse prisma, a educação, ministrada no espaço formal da escola, assume contornos obsoletos quando se vale de princípios humanistas em suas práticas, e, com isso, cria-se a necessidade de que outros agentes orientem os processos pedagógicos, agentes esses que se vestem de uma argumentação quase inquestionável no tocante aos objetivos de suas intervenções, além, é claro, de se valerem de um significativo investimento monetário às redes de ensino.

Diante disso, lançamos um olhar para a adaptação do fazer docente a esses novos contornos educacionais. É justificável que haja uma preocupação, por parte dos que têm interesse na educação exclusivamente para o trabalho, com os condutores das práticas pedagógicas, ou seja, os docentes. Diante disso, as formações de professores<sup>4</sup>, iniciais e continuadas, precisam estar ajustadas a esses rumos, assim, o setor privado passa a atuar nesse âmbito, seja apresentando projetos para serem executados com os estudantes, seja por meio de formações com intuito do convencimento de que o único caminho e função da escola é adequar-se às demandas da produção.

Os professores, nessa configuração, inauguram um ciclo que consiste em tanto ser capital humano quanto produzir capital humano. Frente a tal objetivo, faz-se necessário que eles se apropriem do repertório necessário a essa tarefa. Logo, os docentes passam a ser “alvos” de formações que visam, predominantemente, à capacitação dos alunos ao mercado de trabalho. Exemplo disso tem-se com o apelo a práticas voltadas ao empreendedorismo, a uso exacerbado das tecnologias, à inversão de papéis entre professores e alunos, à simulação de uma suposta autonomia dos alunos, entre outras ações com finalidades tangentes à especificidade da escola. Nesse sentido, Laval (2004) afirma que incumbe à instrução escolar dar especial atenção aos conhecimentos passíveis de valorização econômica, a ponto de os empregadores reconhecerem nos indivíduos fontes potenciais de valor, afirmação complementada por outro fator, segundo Catini:

Pela mimese da produtividade empresarial, a lógica de gestão educacional com estabelecimento de metas, avaliação sistemática do rendimento escolar, responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso ampliou o domínio dos resultados sobre o processo, reduzindo o trabalho educativo ao produto, num movimento fetichista bastante conhecido. (Catini, 2019, p.35)

Abandona-se, por conseguinte, a dimensão humanística da educação, a qual, entende-se, já não é útil ao cenário que se impõe, pelo contrário, ela muito provavelmente será nociva ao esclarecer os sujeitos a respeito da forma pela qual a sociedade se estrutura. Estarão eles, desse modo, cientes de seu papel instrumental na lógica produtiva, tomarão consciência das desigualdades sociais, do valor e da relevância do seu trabalho, que, contudo, não é valorizado.

---

<sup>4</sup> É possível citar inúmeros exemplos de formações, oferecidas aos professores, com caráter mercadológico, ministradas por diversos setores e conglomerados empresariais, entre esses agentes destacam-se o SEBRAE, o ITAÚ junto de outros bancos e cooperativas, as fundações e institutos como Lemann e Ayrton Senna, os quais se valem, majoritariamente, do capital financeiro, assim como influência de imagem, que podem oferecer ao setor educativo.

Por esses motivos, não só se direcionam os alunos a serem mão de obra, mas também se objetiva aliená-los para afastar qualquer tipo de questionamento a respeito do *status quo*. Sob esse viés, voltando-se diretamente aos professores, fenômeno semelhante ocorre, pois esses últimos parecem não perceber – e para as empresas assim o deve ser, o esforço das fundações e institutos empresariais em aproximar, conforme Catini (2020, p.36) “o trabalho docente dos modos de realização dos trabalhos de serviços precários, intermitentes e uberizados”.

Ao se filiarem, renderem-se, ou sempre impelidos à adoção desse discurso, caracterizado por uma educação com apelo predominante ao trabalho, os docentes partem para a aplicação – dimensão de grande valor contemporâneo em diversas áreas, desses métodos em seu público-alvo, os alunos. Significa dizer que os professores passam a ser aplicadores daquilo que não foi pensado nem avaliado por eles e que, com frequência, não têm o domínio exigido para tal execução. Esses profissionais tornam-se peças secundárias para o alcance de determinadas finalidades, mediadores de um processo que escapa do seu controle, bem como independe de suas competências, isto é, poderia ser realizado por qualquer outro indivíduo, invalidando, de certa forma, o conhecimento docente especializado.

Além da desconsideração do valor do conhecimento veiculado pela escola, do protagonismo docente e, consoante a Biesta (2013), da complexidade de relações promovidas no ambiente educativo – inapreensível por uma lógica somente, desconsidera-se, da mesma forma, o encontro e a necessária separação entre o mundo privado e o público, assim como as “experiências que marcam cada subjetividade atravessada pelo espaço escolar” (Carneiro, 2020, p.43).

Não é difícil para os estudantes, em meio a tantos estímulos, atribuírem maior valor ao mundo material em detrimento das relações humanas. É nesse ponto, portanto, que as ciências humanas se fragilizam e enfraquecem seu propósito, o qual, segundo Nussbaum (2010) reside na busca pelo raciocínio crítico, na construção de relações empáticas de compreensão das diferentes experiências humanas, enfim, na visão consciente da complexidade do mundo. Infelizmente, essas posturas simplificam o mundo, enfraquecem o espírito público e ameaçam a já precarizada vida em sociedade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face à breve exposição, evidencia-se a apropriação do ensino público por esferas privadas. Nota-se, junto disso, o esquecimento da singularidade da escola, a qual a diferencia de outros espaços que também possam vir a educar. Instaurada essa configuração, compete aos agentes educacionais a reflexão pautada pelo questionamento do seu fazer docente, enxergar e avaliar o modo como têm conduzido o conhecimento do qual tem domínio e que o faz ter legitimidade para atuar no âmbito pedagógico.

Esforçamo-nos para dizer que precisamos resistir, talvez não seja possível pela recusa ao desenvolvimento dessas atividades, mas pela consciência do que vem ocorrendo, pela ressignificação e resgate de nosso papel na educação, e, por último, pela busca por conhecimentos capazes de nos oferecer argumentos legítimos para oferecermos essa resistência a essa tendência perversa e desumanizadora. Portanto, mais que a “atender” esta lógica, caberia antes, “entendê-la”.

**Palavras-chave:** Educação. Mercado. Docência. Mundo comum. Valores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem:** educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

CATINI, Carolina. **Educação e empreendedorismo da barbárie.** Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar / Alessandro Mariano...[et al]: Organização Fernando Cássio – São Paulo: Boitempo, 2019, p.33-40.

CARNEIRO, Sílvio. **Vivendo ou aprendendo...** A “ideologia da aprendizagem” Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar / Alessandro Mariano...[et al]: Organização Fernando Cássio – São Paulo: Boitempo, 2019, p.41-46.

GOERGEN, Pedro. **Educação e democracia no contexto do capitalismo neoliberal contemporâneo.** Educação, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 1-16, maio-ago. 2020 e-ISSN: 1981-2582 ISSN-L: 0101-465X.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos:** por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

AGENDA 2030. (2015). ODS – Objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/>>. Acesso em: 27 de julho de 2023.